

Pós-abolição no Recôncavo Baiano: uma análise do perfil social das trabalhadoras das manufaturas de charutos e cigarrilhas (1910-1950)

 Carlos Augusto Santos Neri Braga*

Resumo: A proposta deste artigo é tratar da composição social das manufaturas de charutos das cidades de São Félix e Muritiba, no Recôncavo Baiano entre os anos de 1910 e 1950. Busco investigar 1.511 *Registros dos Empregados da Cia. de Charutos Dannemann*, relatos de viajantes e a imprensa local para analisar o perfil social deste setor, mas também identificar os impactos deste grande contingente de operárias nas cidades supracitadas. Dessa forma, pretendo jogar luz sobre como as relações de trabalho funcionaram como dispositivos para a manutenção das hierarquias raciais no pós-abolição. O aporte teórico-metodológico que usei foi um aparato inspirado na História Social do Trabalho, e nas possibilidades de interpretação a partir do uso heurístico da interseccionalidade. Os dados apresentados concluem que as mulheres negras predominaram na produção de charutos e foram fixadas nos trabalhos manuais por diferentes eixos de gênero e de raça.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Recôncavo Baiano, Manufaturas.

Post-abolition in the Recôncavo Baiano: an analysis of the social profile of female cigar and cigarillo factory workers (1910-1950)

Abstract: The purpose of this article is to deal with the social composition of cigar manufactures in the cities of São Félix and Muritiba, in the Recôncavo Baiano, between the years of 1910 and 1950. I seek to investigate 1,511 employee records of Cia. de Charutos Dannemann, reports from travelers and the local press to analyze the social profile of this sector, but also to identify the impacts of this large contingent of workers in the aforementioned cities. In this way, I intend to shed light on how labor relations functioned as devices for the maintenance of racial hierarchies in the post-abolition period. This social composition of the population of the Recôncavo Baiano, and of the workforce employed in the tobacco complex, had a different profile from the classic image created for the Brazilian working class. The theoretical-methodological approach I used was an apparatus inspired by the Social History of Work, and the possibilities of interpretation based on the heuristic use of intersectionality.

Keywords: Black Women, Recôncavo Baiano, Manufactures.

* Doutorando em História Social pela Unicamp-SP. Essa pesquisa foi realizada entre 2018-2021 com apoio financeiro da CAPES. E-mail: gutto_guitar@hotmail.com



Introdução

Imagem 1: Ficha de registro da operária Maria Roberta da Silva

30 de Janeiro 1937/64

REGISTRO DOS EMPREGADOS

DA FIRMA Companhia de Charutos Dannemann N. 741

O Sr.^a *Maria Roberta da Silva* nacionalidade *Brasileira*

Estado civil *Casada* com *68* anos de idade, nascido na cidade *Jacobina* em *9* de *Fevereiro* de *1870*

Relação (Paterna *Antônio Benedicto* Materna *Maria Moncca*)

residente a rua *Rua Estação* n. *-* na cidade *São Félix* portador da Carteira Profissional n. *-* série *-* foi admitido em *14* de *Dezembro* de *1915* na qualidade de *Destaladeira* com os vencimentos de Rs. *500,00*

(*Variações*)

para trabalhar normalmente das *8* às *17* horas, com os intervallos de *1* horas para refeição e descanso beneficiários

Observações:

São Félix, 28 de Janeiro de 1938

Assinatura do Empregado
Bartholomeu Chaltos

Procure a ficha de anotações

Fonte: AMSF. Série: fábricas de charutos. Sub-série: Dannemann. Caixas dos Registros dos Empregados da Cia. da firma Cia. de Charutos Dannemann

Na imagem acima, trago um dos *Registros dos Empregados da firma Cia. de Charutos Dannemann*. Este pertenceu à operária Maria Roberta da Silva, nascida na cidade de Jacobina aos nove dias do mês de fevereiro de 1870, filha de Antônio Benedicto e Maria Moncca (?). Na ocasião do registro, em 1938, Maria Roberta informou ser casada, ter 68 anos e morar na Rua da Estação, em São Félix. Pela fotografia presente, percebo ser ela de cor preta¹ e os demais dados dizem ter sido empregada como *destaladeira de fumos* aos 45 anos em 1915. As anotações do verso da ficha dizem respeito aos pagamentos das férias dos anos de 1937, 1938 e 1939 e a ausência de

¹ Como pesquisador, dotado de subjetividades, busquei inferir sobre as fotografias uma identificação para fins analíticos estando ciente que essa identificação resulta de categorias manipuladas por mim e que podem escapar à realidade social analisada. Esse exercício busca o enfrentamento dos silêncios das fontes sobre a cor da classe trabalhadora. Aprofundi o uso dessa metodologia na pesquisa *Operárias Negras* (Braga, 2021).

quaisquer informações para os anos seguintes sugere seu desligamento da empresa a partir dos anos 1940.

Em outra caixa, onde se avolumavam mais algumas dezenas de registros, identifiquei a ficha de outra operária, pertencente a Augusta Roberta da Silva, nascida em Mundo Novo aos vinte e três dias do mês de agosto de 1894, filha de Manoel Fillipe da Anunciação e de Maria Roberta da Silva, provável ser aquela mesma do documento em tela. Augusta foi admitida pela empresa aos 12 anos de idade como *charuteira* e por sua fotografia também a percebi ser de cor preta. No protocolo de preenchimento da ficha em 1938, ela informou ter 44 anos, ser casada e residir na Ladeira da Misericórdia, número 14, na cidade de São Félix.

Outra moradora deste mesmo endereço foi sua filha Enedina Silva, que em 1930 também foi admitida pela *Cia. de Charutos Dannemann* na função de *charuteira*, ano que completaria 14 anos e diferente de sua avó e de sua mãe, apresentou a assinatura de próprio punho. Ela informou ser solteira, ter 21 anos e ter nascido em São Félix aos vinte e quatro dias do mês de maio de 1916, ser filha de Joaquim Francisco de Araújo e da operária Augusta Roberta da Silva. No rodapé do registro, foi escrito à lápis "Rua Avenida São Diogo". A recorrência dessas notas em outras fichas, me fez acreditar ter mudado de endereço e informado algum tempo depois, a fim de atualizar a firma. Na leitura das anotações do verso do documento percebi que a regularidade do pagamento das férias e do imposto sindical sugere que a operária pode ter permanecido no trabalho pelo menos até os idos de 1946 (Registros dos Empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*).²

A primeira da família que teve ocupação na *Cia. de Charutos Dannemann* foi Augusta R. Silva em 1906. Foi preciso esperar quase uma década para que a sua mãe, Maria Roberta, também fosse empregada. Não deve ter passado despercebido aos patrões o aparente comportamento exemplar na ficha de Augusta. A ausência de quaisquer anotações de desagrado ou suspensões talvez tivesse sido traduzida como boa reputação construída pela

² Foram 1.511 fichas de registro analisadas, que estão organizadas em 12 caixas por ordem alfabética no Arquivo Municipal de São Félix. Os registros foram produzidos desde 1935 e as informações das admissões das operárias são anteriores a esse período, desde o século XIX até 1948.

trabalhadora. Ao longo dos anos de trabalho, imagino que criou ali redes de sociabilidades suficientes para garantir o contrato de sua mãe e mais tarde de sua filha Enedina. Observei que as fichas de Augusta e de Enedina da Silva, por exemplo, foram preenchidas no mesmo dia, aos 25 de fevereiro de 1938. A ficha de Maria R. da Silva, fora feita um mês antes (Registros dos Empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*). Se por um lado, os laços construídos nas relações de trabalho possibilitaram as operárias garantirem a permanência e o acesso ao trabalho aos outros membros da família, por outro, a empresa poderia identificar essas ações com bons olhos, ao empregar pessoas “conhecidas” ou do mesmo grupo familiar. Talvez, indícios das expectativas patronais de controle social através da família.

O acesso aos mundos do trabalho, a busca pela autonomia, sobrevivência e a organização da família faziam parte dos diversos projetos de liberdade da população negra liberta nos processos de lutas que culminaram na abolição do regime escravista. A esse respeito, chama a atenção o caso de Maria Roberta da Silva, nascida em 1870, um ano antes da *Lei do Ventre Livre*.³ Isso pode indicar alguma probabilidade de ter sido vítima da escravidão. De qualquer forma, por razão desconhecida, em algum momento entre o nascimento em 1894 e a admissão de Augusta Roberta em 1906, a operária Maria Roberta da Silva migrou de Mundo Novo para a cidade de São Félix. O que ela esperava encontrar por lá?

A escolha dessas três fichas para abrir este artigo teve o propósito de demonstrar como diferentes gerações de trabalhadoras tiveram experiências comuns no trabalho fumageiro. Portanto, nosso objetivo é analisar a composição social desse importante segmento manufatureiro presente nas cidades de Cachoeira, Muritiba e São Félix para jogar luz sobre a formação da classe trabalhadora no Recôncavo Baiano⁴, em especial, levando em consideração o contexto do pós-abolição. O recorte temporal escolhido foi aquele circunscrito pela análise serial das fontes, sem desconsiderar que

³ A Lei do Ventre Livre determinava a liberdade jurídica dos filhos e das filhas de mulheres escravizadas, contudo, a criança continuaria sobre a tutela senhorial.

⁴ O Recôncavo Baiano é considerado uma região no Estado da Bahia, com formação histórica desde o período colonial, em que pese um conjunto amplo de cidades, o recorte apresentado nessa pesquisa circunscreve o seu uso somente para as cidades de Cachoeira, Muritiba e São Félix.

entre as décadas de 1910 e 1950 foi um contexto marcado por flutuações econômicas nas empresas e pela agitação das operárias nas lutas contra exploração. Contudo, neste artigo quero apresentar ao público leitor um caminho percorrido a partir da problemática de pesquisa: como a racialização e o/do gênero operaram como dispositivos de organização do trabalho nas empresas de manufaturas de charutos e cigarrilhas do Recôncavo Baiano?

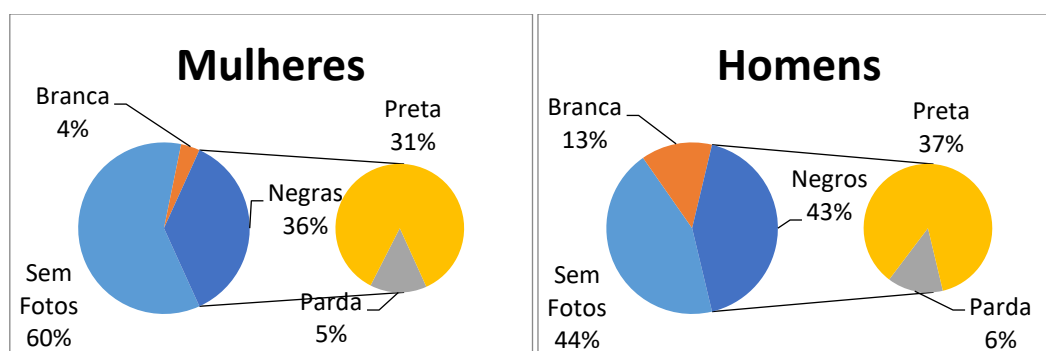
Recôncavo Baiano: migrações e trabalho no pós-abolição

O historiador Walter Fraga Filho, em importante estudo sobre as experiências migratórias de ex-escravizados e seus descendentes no pós-abolição, demonstrou que os centros urbanos se constituíram numa das formas de sobrevivência, mas também de expectativa de liberdade para a população negra egressa do cativeiro. Isso porque em alguma medida, se buscou a autonomia através do trabalho oferecido naquelas cidades. No Recôncavo Baiano, Cachoeira, São Félix, Santo Amaro e Maragogipe eram importantes polos atrativos. O autor ressalta que as possibilidades de escolha para migrar ou permanecer eram mais reduzidas para as mulheres, por conta dos significados revestidos para o feminino produzidos naquela sociedade. Ser uma mulher de idade avançada ou ter de cuidar da prole e de parentes idosos, por exemplo, poderia conotar fortes fatores para que diminuíssem essa margem de escolha (Fraga, 1998: 10). Os marcadores sociais que pairavam sobre as mulheres negras pesaram para a decisão de partida, mas não desencorajaram a operária Maria Roberta e sua filha. Um levantamento que fiz de 107 fichas, somente referente às pessoas nascidas no século XIX, revelou ter entre elas 79 operárias e 28 operários. Todas essas pessoas migraram rumo à São Félix. Provavelmente carregadas de expectativas, mas também de incertezas, para enfrentar os desafios de uma conjuntura de reorganização do trabalho livre e de precariedade das condições raciais hierarquizantes (Registros dos Empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*).

Em outro levantamento, elaborei uma segunda amostragem com o propósito de sinalizar o fluxo de operárias que migraram durante o século XX. Dos 1.511 registros dos empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*

localizados no Arquivo Municipal de São Félix aproveitei 1.467 fichas para analisar a composição social das trabalhadoras fumageiras. Todas as fichas selecionadas eram da manufatura com sede em São Félix e da filial em Muritiba, preenchidas entre os anos de 1935 e 1948.⁵ Identifiquei 499 registros pertencentes às pessoas migrantes, que nasceram fora dos municípios de Muritiba, de São Félix ou de Cachoeira. Considerei o número substancial, pois representa 34% do universo total das trabalhadoras empregadas na *Cia. de Charutos Dannemann*. Tirei uma primeira amostragem do perfil social da força de trabalho migratória, que foi caracterizada pela presença de 22% da força de trabalho masculina junto à presença esmagadora de 78% das mulheres das 499 fichas. Abaixo, apresento um gráfico com a amostragem somente das trabalhadoras migrantes:

Gráfico 1: perfil social das trabalhadoras migrantes



Fonte: AMSF. Série: fábricas de charutos. Sub-série: Dannemann. Caixas dos Registros dos Empregados da Cia. da firma Cia. de Charutos Dannemann

Em contraponto, o contingente de trabalhadoras nascidas na região foi peso majoritário, como observou o técnico Agrícola Gregório Bondar "A mão de obra no fabrico dos charutos, cigarros e comércio do fumo é quase exclusivamente nacional e na terra dos charutos São Félix, Maragogipe e Cachoeira é fornecida pelos moradores dessas cidades" (1923: 292). Entretanto, parece importante considerar que os 66% da força de trabalho local pudesse se remeter às trabalhadoras e trabalhadores oriundos das

⁵ As demais fichas foram dispensadas desta análise por trazerem dados de outras filiais ou lojas que eram localizadas fora do eixo de recorte espacial escolhido para pensar a migração.

zonas rurais das cidades ou de distritos próximos, cuja informação pode estar subsumida nas fichas, pois foram raras as vezes que este tipo menção apareceu na documentação (Registros dos Empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*).

De outra forma, analisei o total de fichas e o perfil social das operárias. A partir dessa base de dados, a presença das mulheres foi majoritária, registrada pela importante cifra de 74% das 1.467 fichas catalogadas. Mais uma vez, por meio do reconhecimento da cor das 397 fotografias disponíveis nas fichas, a força de trabalho feminina foi estimada em 80% de mulheres de cor preta, 13% de cor parda, e 7% de cor branca. A presença masculina no setor fumageiro, das 209 fichas com fotografias, correspondeu em termos de cor em 66% de cor preta, 11% de cor parda, 23% de cor branca. Embora tenha encontrado a presença de alemães e em menor grau de suíços, sempre na gerência e nos altos cargos da firma, não encontrei operários imigrantes nas fichas (Registros dos Empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*).

Essa composição social da população do Recôncavo Baiano, e da força de trabalho empregada no complexo fumageiro teve um perfil diferente da imagem clássica criada para a classe trabalhadora brasileira. A historiografia do trabalho há muito vem alertando que é preciso romper com noções cristalizadas sobre a história dos trabalhadores e já sabemos que falar em uma classe operária, branca, masculina e fabril, para o Brasil do início do século XX é falsear a realidade histórica (Batalha, 2008: 165). O contexto que encontrei passou longe do processo migratório de trabalhadoras e trabalhadores europeus (Castellucci, 2004: 75-77), que visavam “substituir” a força de trabalho nacional no pós-abolição (Lara, 1998, 25-28) e atendiam ao projeto de embranquecimento da população (Schwarcz, 1998).

O grande número de migrantes e de remanescentes do século XIX na composição social da força de trabalho fumageira pode ser devedor da economia do açúcar, que esteve em crise nos anos finais do século XIX, acentuada pela emancipação. Esta economia liberou grande número de trabalhadoras e trabalhadores, boa parte delas advindas do cativeiro das *plantations* (Barickman, 1998). O complexo fumageiro tem sua formação no Recôncavo desde o século XVII, com origens assentadas nas pequenas

plantações de fumo. Segundo B. J. Barickman, o uso generalizado da força de trabalho cativa, originou no Recôncavo Baiano uma das mais densas populações escravizadas encontradas no Brasil, que ao início do século XIX chegou à cifra de 89 mil, e continuaria em números elevados em 1872-73 entre 72 e 81 mil. Portanto, as *plantations* de açúcar tornaram numerosa a presença de trabalhadoras e trabalhadores escravizados, mas não se deve minimizar o peso da fumicultura. Barickman adverte que durante o século XIX, também se utilizou quantidades consideráveis de trabalhadores escravizados no cultivo do fumo, embora não fosse totalmente dependente do tráfico atlântico, a garantia esteve sustentada na reprodução ao longo prazo desta força de trabalho (Barickman, 2003: 216; 259-261).

Nos centros urbanos a absorção da força de trabalho nas empresas fumageiras já pode ser encontrada também desde o século XIX. E nas manufaturas os indícios apontam que havia várias modalidades de exploração do trabalho. Em nota, o memorialista Ubaldo Marques Porto Filho reproduz um trecho do jornal *O Guarany* de Cachoeira do dia 16 de maio de 1878 onde diz que

despareceu da *Fábrica S. Carlos*, na noite de 29, a escrava Izabel, crioula, baixa, seca, tipo africano – isto é, parecendo nagô. Levou saia de yayá de ouro, e muita roupa em uma grande trouxa. Recompensa-se a quem a pegar, conforme a distância (Porto filho, 2004: 12).

O historiador Clíssio S. Santana analisou as experiências de trabalhadores escravizados e libertos na comarca da Cachoeira ao longo do século XIX e observou que o emprego nas manufaturas e nos armazéns articulou diferentes formas de exploração do trabalho. Debruçado sobre um infeliz episódio do espancamento do garoto Vicente, livre e pardo, menor de 14 anos, caso ocorrido em São Félix no ano de 1854, pelo português Antônio Inácio de Magalhães, o historiador Clíssio Santana percebeu através do processo-crime, que as testemunhas presentes, todas elas trabalhando na fábrica de charutos do mencionado português, não se restringiam ao trabalho livre, e concluiu “que escravos e libertos também fizeram parte daquele universo trabalhista das fábricas oitocentistas” (Santana, 2014: 45-52). Dessa forma, o contexto do final do século XIX deixa legados importantes em

termos de composição e de experiências negras com os mundos do trabalho livre e da escravidão.

As cidades de São Félix e Cachoeira também despontaram como conhecidos entrepostos comerciais no final do século XIX localizados nos limite das zonas do açúcar e do fumo. Mesmo que as fronteiras entre o trabalho escravo e livre não estivessem tão definidas, as atividades do porto via navegação de capotagem, a construção da ponte que conecta até hoje as duas cidades, a instalação da *Estrada de Ferro Central da Bahia* e mais tarde a circulação das pessoas e mercadorias facilitadas através dela, além das muitas possibilidades de trabalho formal no comércio e informal nas ruas foram importantes elementos que atraíram diversos trabalhadores e trabalhadoras em busca de oportunidades.

Alguns observadores contemporâneos deixaram indícios importantes sobre o que poderiam motivar trabalhadoras e trabalhadores negros a mirarem estes centros urbanos. O geógrafo Alfredo Moreira Pinto, na ocasião que visitou Cachoeira e São Félix, na última década do século XIX, mesmo achando ser Cachoeira uma cidade “decadente e velha” diz ele ter encontrado lá, além das 171 casas comerciais, as fábricas alemãs de charutos *Poock & Cia.* com sessenta operários, a fábrica de charutos e serraria *Jezler Hoening* localizada no bairro da Pitanga e outra manufatura de charutos pertencente a *Zacharias Mílhazes* (Pinto, 1935: 71-72).⁶ Em outro levantamento, Francisco Vianna listou a presença de duas serrarias e a *fábrica de tecidos S. Carlos* situada na *Fazenda Tororó*, com 53 teares e 125 operários (Vianna, 1893: 273). Em São Félix, Moreira Pinto registrou cinco fábricas de charutos, citou as “mais importantes as de G. Dannemann e Luiz Krueder, a ‘Utilidade’ de Costa Ferreira & Penna e a de Rodemburg & C.” além de ter encontrado dezesseis armazéns de fumo, uma fábrica de cerveja, cinco fábricas de sabão, um curtume, três olarias, uma serraria e trinta e oito casas de diferentes negócios (Pinto, 1935: 121).

Dentro deste universo dos mundos do trabalho, foram as atividades ligadas ao complexo fumageiro que, em termos de concentração de força de

⁶ Embora date de 1935, esse *Suplemento aos apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil* são os manuscritos póstumos de Alfredo Pinto publicados por seu filho Justiniano Moreira Pinto, escritos na última década do século XIX.

trabalho, demonstraram as mais significativas nas cidades. Interessante, portanto, observar como o fluxo de operárias mobilizadas neste setor industrial aumenta gradualmente durante o desenrolar do século XX. Através dos armazéns de enfardamento, nos trapiches⁷ das firmas exportadoras, nas casas comerciais, nas manufaturas de charutos, esses espaços se tornaram importantes centros de absorção de trabalhadoras, sobretudo, para as mulheres negras. Moreira Pinto estimou que a *Cia. de Charutos Dannemann*, por exemplo, ao final do século XIX teria entre o “pessoal ocupado na fábrica e nos armazéns” a “cifra de 400 operários” e operárias, a *Costa Penna & Cia* possuía cerca de 300 trabalhadoras (Pinto, 1935: 121). Testemunhou o viajante para as outras fábricas de São Félix “mais de 3.000 operários, além dos que se empregam nos armazéns onde se beneficia o fumo, fazendo a escolha para as fábricas e para o embarque” (Pinto, 1896: 13).

Em 1911, uma propaganda presente no periódico *O Propulsor* informou que *Cia. de Charutos Dannemann* teve início em 1873 com seis operárias e que se encontravam trabalhando 2.200 (*O Propulsor*, 1911: 17). Em 1921, os dados fornecidos pela *Diretoria de Inspeção e Fomento Agrícola* demonstraram números consideráveis de trabalhadoras empregadas nas manufaturas em relação ao final do século anterior. A *Cia. de Charutos Dannemann* liderou com a presença de 1.200 operárias contratadas, seguida pela *Costa Penna & Cia* com a cifra de 1.000 incluindo aquelas da filial de Muritiba. Deve ser mencionada também a fábrica *Stender & Cia* com suas 400 operárias, e acompanhar os números da *Suerdieck* em Maragogipe, pois em 1916 possuía 400 trabalhadoras e em 1921 havia mais que dobrado a quantidade, com suas impressionantes 900 operárias (Brasil, 1922: 433-435). Gregório Bondar deixou um registro digno de nota, em 1923:

nas três cidades mencionadas [São Félix, Maragogipe e Cachoeira] as fábricas de charutos dão trabalho acerca de sete mil operárias; delas as de Dannemann ocupam mais de três mil pessoas, Costa Ferreira e Penna mais de mil, Suerdieck mais de mil e duzentas pessoas. As duas mil restantes se distribuem entre fábricas menores e a confecção caseira (Bondar, 1923: 292).

⁷ Os trapiches eram locais apropriados para a compra do fumo dos pequenos lavradores rurais.

Cabe também mencionar a cidade de Muritiba, que o escritor Anfilóbio de Castro, na primeira metade do século XX, informou ter “quatro grandes fábricas de charutos, e de várias pequenas; de seis armazéns de beneficiamento de fumo e café”. Continuou:

A indústria do fumo é a ocupação de quase a totalidade do seu povo, o qual, embora com qualidades apreciáveis, é pouco instruído e pouco afeiçoado às letras. O efetivo do pessoal com que concorre para as fábricas e armazéns, na cidade e fora dela, calculando entre quatro mil, não há exagero (Castro, 1941: 5;88).

Em outro trecho o autor lamentou a saída das famílias abastadas, enquanto deixou escapar seu desprezo e inconformidade com a chegada da população pobre e negra na primeira metade do século XX:

há transferido residência deste município [Muritiba], principalmente para a capital do Estado, muitas famílias do seu escol social. Infelizmente, têm sido substituídas por humildes vindos de toda parte à busca de meios de vida nos serviços da Indústria do fumo (Castro, 1941: 155).

Se por um lado, um dos representantes das elites locais deixou registrado a sua visão sobre a população negra, por outro, ele informou como até meados da década de 1940 havia migrações que buscavam nas fábricas de charutos expectativas de trabalho. Este aumento do contingente operário naquelas cidades esteve sob essa interpretação ambígua de seus contemporâneos e o fluxo de trabalhadoras e trabalhadores negros não passou despercebido pelas elites locais. Na visão delas, aquilo constituía cada vez mais um problema que deveria ser resolvido o quanto antes.

Racialização do trabalho e gênero nas manufaturas

A historiadora Wlamyra Albuquerque, bem demonstrou que o contexto da abolição do regime escravista foi tomado também pelo temor das elites baianas que enxergavam a população liberta como desobediente e um risco às hierarquias raciais daquela ordem vigente. Foi cultivada entre ex-senhores de engenhos ou homens de estado uma esperança de controle social incisiva sobre a população negra (Albuquerque, 2009: 98-137). Dessa forma, o historiador Eliseu Silva, em instigante estudo sobre as práticas de roubos e furtos em Cachoeira, percebeu que a movimentação de trabalhadores refletiu

no aumento geral da população cachoeirana, mas também nas queixas do corpo da polícia e dos periódicos locais, uma vez que essas elites atribuíram a elevação da criminalidade no final do século XIX ao aumento da população negra na cidade (Silva, 2019: 39). Também nos idos de 1915, o historiador Edmar Ferreira Santos diz que alguns setores letrados de Cachoeira associavam a população pobre à ociosidade, à incivilidade e à criminalidade. Estes setores achavam “necessário vigiar cuidadosamente o povo e, quando preciso, aplicar punições que levassem os indivíduos à disciplina do trabalho, fazendo-os deixar de lado os vícios nos quais estavam imersos” (Santos, 2009: 24).

Isto parece iluminar a criminalização que as elites locais lançavam diante das práticas culturais da população negra, das quais estão também envolvidas as operárias das fábricas. Em São Félix, por exemplo, o tom dado pelo periódico *O Propulsor* sobre “os sambas e os desordeiros” parece emblemático. A publicação buscou noticiar um conflito entre dois homens, que “pelos 3 horas da madrugada” se enfrentaram. Acusou o jornal que o caso terminou a “facadas no perigoso subúrbio”. Para o periódico, o confronto físico entre aqueles homens esteve muito mais associado ao samba e com “aquele pessoal da zona do Salva-vida, subúrbio desta cidade [que] anda sempre às voltas com a polícia, pelos desatinos cometidos, e não se corrige”. Ainda segundo o periódico sanfelixta, os sambas “acaba[va]m sempre assim” (*O Propulsor*, 1916: 1). Acontece que o bairro do Salva-vida, onde “o samba retumbava!”, era também onde se concentrou a maior parte das operárias da *Cia. de Charutos Dannemann*. Segundo os *Registros dos Empregados* havia mais de 160 fumageiras que indicaram residir naquele bairro.

É compreensível que as perseguições à população negra estejam afetadas pela exigência e pelo desacordo das elites locais com a suposta incivilidade dos de baixo, a partir de uma interpretação racializada das práticas culturais. Em resposta, o trabalho foi uma das maneiras de disciplina e de controle social. Em 1916, algumas edições do jornal *O Propulsor* anunciavam ao público leitor sanfelixta publicações que elegeram o trabalho como “a mais poderosa arma contra a ociosidade que corrompe a alma e debilita o corpo, tornando-o inútil a qualquer mister, incapaz de praticar

qualquer ato que continua para o seu aperfeiçoamento” (O Propulsor, 1916: 1), “a página mais bela e sublime do contingente humano” que “glorifica, honra e enobrece”. Não foi ao acaso, que um destes artigos recebeu a assinatura do conhecido ensaísta racalista Sylvio Romero (O Propulsor, 1916: 1). A referência é exemplar da interceptação de classe e definições raciais como destinos combinados no imaginário das elites sanfelixtas. Com esse sentimento, o mesmo jornal considerou que “com a nova orientação que Geraldo Dannemann imprimiu em S. Félix, empregando as suas fábricas mais de mil pessoas, a população modificou para melhor os seus hábitos de vida; S. Félix cresceu e prosperou” (O Propulsor, 1911: 4).

Aparentemente, o discurso contra ociosidade escondeu a necessidade do patronato submeter a população negra ao controle, à espoliação do trabalho sob sua guarda e garantir a permanência das hierarquias raciais. O trabalho operou como espaço, dispositivo, e também como justificativa social para trazer o disciplinamento e a ordem moral desejada pelos setores da elite branca baiana. Sinais dos imperativos de classe e de racialização, quase sempre inseparáveis, como orientadores das perseguições das manifestações e das referências socioculturais da população negra.

Dessa forma, a ocupação dos altos cargos nas empresas também lançava sobre a sociedade expectativas sociais das masculinidades hegemônicas, das definições raciais e de prestígio para as classes abastadas, ou seja, ser homem branco. Isto pode indicar como o trabalho das mulheres negras aparece subsumido pela presença de um patronato predominantemente masculino e branco. Em edição especial pelo seu 15º ano de fundação, em 15 de Outubro de 1911, o periódico *O Propulsor* decidiu fazer uma homenagem aos homens “ilustres” e “honrados” da cidade de São Félix. Dentre estes, Geraldo Dannemann e Manoel da Costa Penna receberam significativa atenção. Com bastante entusiasmo, o jornal tratou de fazer uma breve biografia dos industriários, ao qual retirei alguns fragmentos para a análise:

[Geraldo Dannemann] ao seu **labor contínuo**, a sua **inteligência esclarecida**, deveu a prosperidade do seu estabelecimento. Tornou-se um industrial poderoso e muitas centenas de **pessoas pobres, de ambos os sexos**, foram encontrar nas acreditadas fábricas de charutos que criou **os**

meios de subsistência. Mostrou como se deve e se pode aproveitar o **trabalho da mulher, decentemente e sem explorá-la.** (...) Ao **honrado e inteligente industrial** que, atualmente se acha na sua pátria de nascimento, enviamos hoje sinceras saudações, estampando o seu retrato como justa homenagem ao seu merecimento.

A princípio [Manoel Costa Penna] foi empresário na fábrica de charutos de Manoel da Costa Ferreira, revelando-se um moço **ativo, trabalhador, honesto e inteligente,** vindo mais tarde a ser, pelo seu merecimento real, um dos proprietários da referida fábrica. (...) A sua fábrica de charutos, uma das mais antigas e acreditadas de S. Félix, **dá trabalho a centenas de pessoas, homens e mulheres.** Ao Sr. Manoel da Costa Penna, que goza entre nós grande estima e respeito, apresentamos as nossas saudações, e em homenagem ao seu indiscutível merecimento, damos hoje o seu retrato [Grifos meus] (O Propulsor, 1911: 4).

Ao descrever ambos empresários como homens honrados e trabalhadores, ativos e pais exemplares, honestos e inteligentes, se revelaram atributos, valores de distinção e deveres esperados dos homens brancos de alta classe naquele contexto histórico. Contudo, na publicação, os grifos que fiz representam aquilo que suspeito serem as construções sociais e expectativas do discurso de mobilidade social através da meritocracia e da eleição das fábricas como benfeitorias sociais, almejados símbolos da prosperidade sanfelixta.

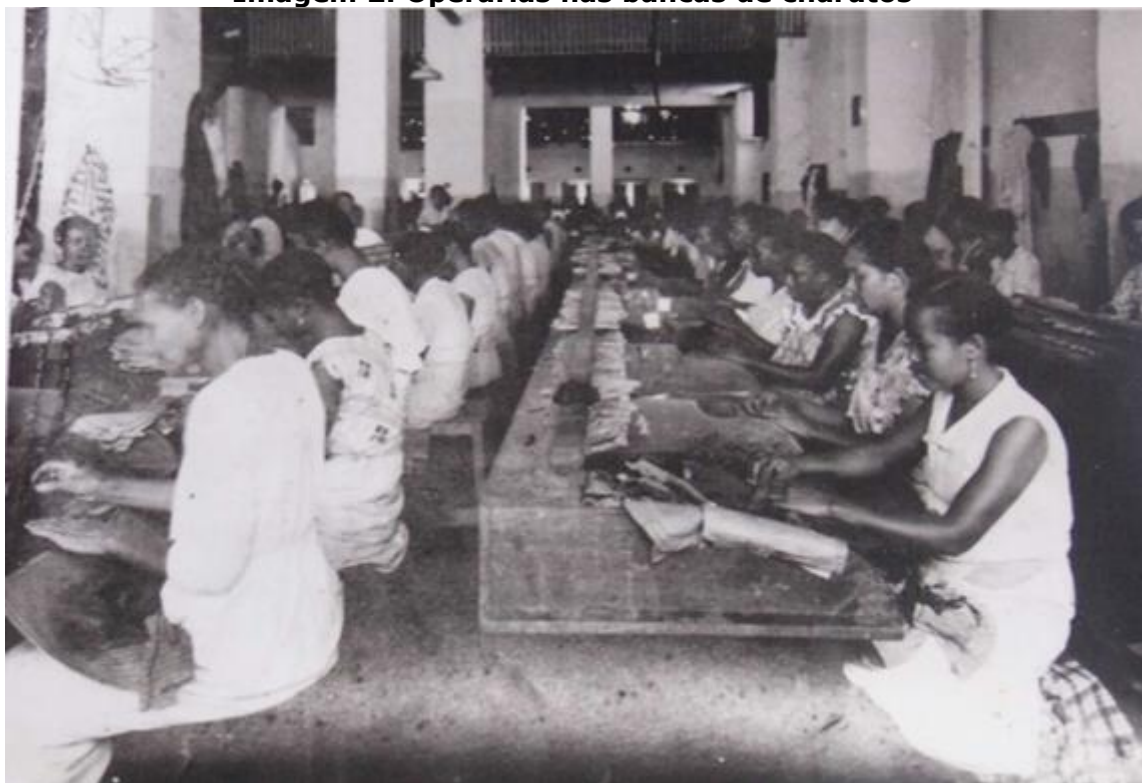
O historiador Alberto Heráclito F. Filho analisou os mundos femininos em Salvador entre 1890 e 1940 e demonstrou que embora fosse recorrente a busca pela domesticação das mulheres de elite a partir de um modelo de feminilidade perseguido pela sociedade republicana, isso ocorreu em passos diferentes, sobretudo, para as mulheres negras e pelo cruzamento de diferentes marcadores sociais (Ferreira Filho, 2003: 61-113). Dessa forma, os termos grifados também marcam a percepção de excepcionalidade do trabalho feminino pelo periódico e a necessidade de justificar a presença das mulheres negras nas fábricas, um espaço público por excelência, dentro dos padrões “decentes” e supostamente fora da “exploração”. Sempre uma oposição de exaltação da honra dos homens em contraponto ao uso da força de trabalho das mulheres negras dentro de uma moral benfeitora.

O tema da “exploração” indicado no jornal pode esvanecer uma referência aos legados do labor manual do período da escravidão, opondo

estes ao modelo de emprego assalariado dos industriais sob a moral acerca do trabalho erigido na fundação da República. Da mesma forma, não escapa a intenção do jornal que o trabalho das mulheres negras tinha menos brio em relação ao trabalho dos homens, e só atingiu algum reconhecimento sob o imperativo da “inteligência” do capitalista Geraldo Dannemann. Esteve afirmada ali a oposição das construções sociais sobre o trabalho feminino e trabalho masculino, mas também, a valorização dos empresários na ação de redenção da classe trabalhadora.

Divisão racial e sexual do trabalho

Imagem 2: Operárias nas bancas de charutos



Fonte: AMSF. Série: Fotos da Família *Dannemann*. Salão da *Cia. de Charutos Dannemann* (primeira metade século XX).

Acima trago uma fotografia que mostra a área interna do prédio *Cia. de Charutos Dannemann*, em São Félix. Ela contempla preferencialmente o proletariado feminino e o laborar nas bancas de charutos, e privilegia outro dado importante, novamente, a identificação da cor dessas trabalhadoras; eram majoritariamente negras. Desta maneira, optei pelas fotografias como

testemunhas involuntárias da cor das operárias e os meios que pudessem transpassar os silêncios das fontes e elaborei a seguinte tabela a partir da interpretação das fotografias dos *Registros dos Empregados*⁸:

Tabela 1: Quadro organizacional da empresa *Cia. de Charutos Dannemann* (1910-1950)

		Sem fotografias	Negras(os)	Branças(os)	Total
Ocupações no trabalho	Mulheres	63% (692)	34% (370)	3% (31)	1.093
	Homens	46% (169)	43% (158)	11% (41)	368
Ocupações na gerência	Mulheres	-	-	-	0
	Homens	46% (23)	12% (6)	42% (21)	50
Total		884	534	93	1.511

Fonte: AMSF. Série: fábricas de charutos. Sub-série: Dannemann. Caixas dos *Registros dos Empregados da Cia. da firma Cia. de Charutos Dannemann*

O planejamento e o controle dos processos de trabalho nas manufaturas recorrentemente impôs uma divisão estrita das ocupações ao longo das atividades produtivas que demarcaram lugares raciais e de gênero nas empresas fumageiras. A despeito dos rendimentos salariais, o que esteve central na divisão sexual e também racial do trabalho na fabricação de charutos foi a separação entre execução e concepção do trabalho (Braga, 2021). Ocorreu nestas empresas a formação de um *aparelho burocrático de direção* como prática social dos capitalistas em resposta ao conflito implícito da produção: o conteúdo da hora do trabalho (Castoriadis, 1985). Isto, sobretudo, pode ser observado através da organização técnica-organizativa dos lugares sociais conforme a tabela supracitada.

A organização técnica dos espaços físicos, a fragmentação integrada da produção e a redução do trabalho ao nível parcial dentro das empresas foram tentativas constantes de controle capitalista do tempo de trabalho (Braga, 2021).⁹ Mesmo a divisão horizontal dos processos laborais não foi suficiente para que as operárias pudessem fornecer o “conteúdo de trabalho” esperado

⁸ Diferente da amostragem demonstrada na primeira seção deste artigo, para a organização desta tabela, usei todas as fichas encontradas. Isto significa que não fiz distinção do local de trabalho, considerando, todas as lojas, filiais e casas de negócio da *Cia. de Charutos Dannemann*.

⁹ Esse processo foi marcado pela proletarização das charuteiras. Nas manufaturas o laborar com os charutos desapareceu em sua forma artesanal, e foi característica fundamental o fracionamento integral das tarefas em ocupações que especializaram as operárias em etapas distintas da fabricação de charutos e cigarrilhas.

pelos capitalistas, mas sua existência expõe a expectativa patronal de racionalização para o aumento da produção e também para o disciplinamento da força de trabalho.

Observa-se que as funções distribuídas entre os homens e as mulheres¹⁰ são confirmadas como um planejamento divisório das tarefas tanto em termos de gênero como raciais. As atividades ocupadas por homens eram mais diversificadas em relação às funções, mas também atravessavam toda a hierarquia nas manufaturas. Excetuando a ocupação dos *escolhedores de fumo*, todas as atividades em que se encontravam homens são caracterizadas pela baixa incorporação de força de trabalho. O contraponto foram as ocupações destinadas às mulheres negras, sempre agrupadas exclusivamente com os trabalhos manuais e em contato direto com as folhas de fumo. Para os homens negros foi garantida a possibilidade de atravessar a linha de cor pela via da masculinidade, que fixava as mulheres negras na execução, e conquistar espaços no controle do trabalho. Isto revela a possibilidade aberta aos homens em construir carreiras dentro das empresas fumageiras, embora para os homens negros os limites fossem os cargos de *mestres* e *contramestres*, da pequena gerência, pois não encontrei homens negros como gestores de alto escalão das fábricas. Dessa forma, fica identificado um sexismo da gerência organizacional da *Cia. de Charutos Dannemann* e a racialização do gênero na formação de homens negros no controle de outros sujeitos subalternizados.

Desperta o interesse, que nas atividades do secretariado dessas empresas consta a existência de Lenira Fialho de Oliveira, branca, 25 anos, na função de escritório na filial da loja *Cia. de Charutos Dannemann* em Recife, Pernambuco, percebendo mensalmente 400,000 réis, e também Jucedy Calvacanti de Melo e Silva, 20 anos, branca, na função de escritório

¹⁰ Seguem as funções distribuídas nas ocupações do trabalho nas manufaturas: Ajudante da Embalagem, Aneladeira, Aprendiz, Apontador, Banca de Capa, Carapina/Carpinteiro, Carapina/Serrador, Carpinteiro, Carregador, Carregador Braçal, Catadeira, Charuteira, Cigarreira, Contador de Charutos, Destaladeira de Fumo, Distribuidor de Aviaamentos, Embalador, Empapeladeira, Encaixadeira, Encaixador, Escolhedor de Fumo, Ferrador de Caixas, Ferrador de Caixas, Grampeador de Caixa, Operária de fumo, Operário em fumo, Passadeira, Pedreiro (Carapina), Perfurador (de selos), Planeador de Caixas, Pregador, Preseiro/Na prensa, Raloeira, Seladeira, Servente, Servente (em caixa), Servente na Selagem (*Registros dos empregados da Cia. de Charutos Dannemann*).

(caixa), percebendo 400,000 réis na loja presente no Rio de Janeiro (Registros dos Empregados da *Cia. de Charutos Dannemann*).¹¹ Estes eram os cargos mais altos que mulheres poderiam ocupar, ainda que sejam também de execução, eles demonstram um substancial rendimento em comparação ao salários das charuteiras.¹² Ao que pese a qualificação dessas trabalhadoras, não podemos minimizar o seu acesso ao serviço de secretariado, que embora tenha consigo aspectos históricos de feminização, explicita a preferência das empresas no contrato dessas moças a partir de sua cor da pele. As mulheres brancas atingiram cargos feminizados com altas remunerações pela via racial, ainda que esses cargos continuassem submetidos ao controle masculino dos homens brancos.

Uma expressão dos racismos de gênero que afetaram as experiências das mulheres negras excluindo-as dos modelos de feminilidade compartilhadas pelas mulheres brancas (Davis, 2016: 15-41). Como bem alertou Luiza Bairros, esses trabalhos dados como supostamente femininos, geralmente vêm acompanhados da justificativa da “boa aparência” como código que esconde critérios raciais (Bairros, 1988: 319; Gonzalez, 2020: 20-38). A interceptação de definições raciais e de gênero impediu que mulheres negras conhecessem outros espaços de experiência na *Cia. de Charutos Dannemann* no período analisado. Segundo Kimberlé Crenshaw, mulheres racializadas têm suas experiências confrontadas pela discriminação, quando são consideradas inapropriadas para empregos dados como femininos, ou também encontram limites de acesso a ocupações ditas masculinas (Crenshaw, 2002: 179).

Desta maneira, o conjunto de fichas analisadas permite afirmar que distintos marcadores sociais foram combinados e sinalizam a fixação das mulheres negras na execução que garantiu a exploração das suas forças de trabalho e impediu a mobilidade das operárias nas empresas fumageiras. Os

¹¹ Há também o registro de uma enfermeira entre as fichas, mas infelizmente não há fotografia que permita a incorporação nesta análise.

¹² Uma análise dos salários das operárias, as charuteiras tinham um rendimento médio de 143,00 Réis (*Registros dos empregados da Cia. de Charutos Dannemann*). Uma análise contextual, sabemos que “no Estado da Bahia, [...] foram fixados quatros salários mínimos, sendo de 150\$ para a Capital e alguns municípios equiparados e de 120\$, 110\$ e 90\$000 para outros municípios do interior. Nesse Estado, o salário médio encontrado no interior foi 114\$800 e na Capital de 167\$800” (Brasil. 1941: 301-302).

racismos de gênero operaram da seguinte forma: admitiram pela via racial acesso a melhores rendimentos, no caso das mulheres brancas e pela via do gênero permitiram a mobilidade social dos homens negros nas atividades de gerência. Dessa maneira, os imperativos de racialização do gênero mediarão as experiências de classe das mulheres negras neste setor analisado. Segundo Luiza Bairos, a divisão racial do trabalho e a sua manutenção é garantida pela criação e recriação de lugares subalternos dentro da estrutura produtiva, que são essenciais ao processo de exploração e ainda que trabalhadores brancos tenham sofrido os impulsos de sua incorporação pelo capitalismo, isto é compensado pelo encontro de posições privilegiadas diante da situação do trabalhador negro (1938: 302).

Considerações finais

Este artigo buscou analisar os indícios e evidências da formação da composição social das fumageiras, em termos de gênero, de cor e definições raciais, também pelas migrações ou pela possibilidade dos legados da abolição, como constituintes das expressões de experiência das trabalhadoras do setor fumageiro. Como ficou demonstrado, nas primeiras décadas do século XX, as indústrias de charutos e cigarrilhas alcançaram a estabilidade de suas exportações, ao passo que também ocorreu, como apontam os relatos de viajantes, um gradativo aumento do número da força de trabalho nas cidades de São Félix e Muritiba e indicou a mobilização das operárias que a *Cia. de Charutos Dannemann* e da *Costa Penna & Cia* poderiam causar nestas cidades. Os dados apontaram um perfil social predominante de mulheres negras nascidas no Recôncavo, e outras, migrantes de outras partes da Bahia. Embora os centros urbanos representassem novas expectativas de liberdade, a população negra teve de enfrentar o agenciamento dos setores brancos e abastados em busca do enrijecimento de controle social. De toda forma, foi este crescente número de operárias negras que formou as fileiras da classe trabalhadora da sociedade sanfelixita, cachoeirana e também muritibana.

Nas manufaturas, o sujeitamento dos lugares da “execução” imposto às mulheres negras fez parte de um pensamento estratégico racional, que

tentou reproduzir as dinâmicas de diferenciação e hierarquias raciais e de gênero, como parte de um planejamento de gestão da força de trabalho. Dessa forma, o modelo de produção capitalista estabeleceu sobre si atravessamentos dos eixos de opressões de racialização do gênero, como tecnologias de dominação diante das resistências da classe trabalhadora. Para isto, a recriação das hierarquias sociais foram manifestações do desejo patronal em se fazer valer das assimetrias de seu tempo como garantias da maximização dos lucros.

Referências bibliográficas

Fontes

Arquivo Municipal de São Félix

Caixas dos *Registros dos Empregados da Cia. da firma Cia. de Charutos Dannemann*

Caixas de *Correspondências Internas da Cia. de Charutos Dannemann*

Geraldo Dannemann. *O Propulsor*, p. 4, 15 de Out. 1911.

O Propulsor, p. 17, 15 de Out. 1911.

O trabalho. *O Propulsor*, São Félix, Ano XX, N.109, p.1, 25 de Jul. 1916.

O trabalho. *O Propulsor*, São Félix, Ano XX, N.117, p.3, 3 de Ago. 1916.

Os sambas e os desordeiros. *O Propulsor*, São Félix, Ano XX, N.102, p.1, 17 de Jul. 1916.

Biblioteca Digital do Senado Federal
(<https://www2.senado.leg.br/bdsf/>)

PINTO, Alfredo Moreira. *Apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil* (F-O). Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1896. p.13.

PINTO, Alfredo Moreira. *Suplemento aos apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil*. Imprensa Nacional, Rio De Janeiro, 1935. p. 71-72.

VIANNA, Francisco Vicente. *Memória sobre o Estado da Bahia*. Bahia: Typ. E Enc. do Diário da Bahia, 1893.

Internet Archive (<https://archive.org/>)

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria do Serviço de Inspeção e Fomentos Agrícolas. Aspectos da economia rural brasileira. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics Villas Boas, 1922, p. 432.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Relação das condições geográficas, econômicas e sociais (1940-1941)*. Rio de Janeiro: Est. de Artes Graph, C. Mendes Junior, 1941.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRAGA, Carlos Augusto Santos Neri. *Operárias negras: lutas e controle patronal na Cia. de Charutos Dannemann e na Costa Penna & Cia (1910-1950)*. Dissertação (Mestrado em História)-FFCH, UFBA, Salvador, 2021.

BAIROS, Luiza. Pecados no "paraíso racial": o negro na força de trabalho da Bahia, 1950-1980. In: REIS, João José (org). *Escravidão & Invenção da Liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1988.

BARICKMAN, Bart Jude. Até a Véspera: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo Baiano (1850-1881). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 21-22, p.177-238. 1998.

_____. *Um Contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1760-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 30 – Primeira República (1889-1930)*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BONDAR, Gregório. O Fumo na Bahia. *Diário Oficial do Estado da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, p. 292. Edição Especial do Centenário, 1923.

CASTRO, Anfilóbio de. *Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941*. Digressões - Notas à Bahia. Bahia: Tipografia Naval, 1941.

CICALO, André. Campos do pós-abolição: identidades laborais e experiência "negra" entre os trabalhadores do café no Rio de Janeiro (1931-1964). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, n. 69, p.101-130. 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". *Revista de Estudos Feministas*, v.10, n.1, 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. trad. Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 15-41.

FRAGA FILHO, Walter. Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no recôncavo baiano após a Abolição. *Cadernos AEL*, Campinas-SP, v. 14, n. 26, 16 set. 2010.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. In: LIMA, Márcia; e RIOS, Flávia. (org). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. *Raça: novas perspectivas antropológicas*. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA. 2008.

LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, v.116, p. 25-38, 1998.

NEGRO, Antônio Luigi e GOMES, Flávio. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. In: GOMES, Flávio Santos e DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Fino Traço, 2013.

PORTO FILHO, Ubaldo. *Geraldo Dannemann – O Empreendedor*. Salvador: Ed. do autor, 2014.

SANTANA, Clíssio Santos. "Ele queria viver como se fosse homem livre": escravidão e liberdade no Termo de Cachoeira (1850-1888). Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Eliseu. *Roubos e salteadores na Bahia no tempo da abolição* (Recôncavo, década de 1880). Salvador: EDUFBA, 2019.